

# Política

CRISE

## O DIA EM QUE ULYSSES FALOU DE MAIS

**Durante mais de quatro horas, em plena madrugada, ele conversou com jornalistas, bebendo muito "poire". Falou da próxima eleição, de seus prováveis adversários (Aureliano, Lula, Brizola e Quéricia), deu sua receita de governo, fez reparos a Sarney — que precisa tomar decisões — e falou de Tancredo. Por Carlos Chagas.**

Cara de candidato, pinta de candidato, conversa de candidato. Quem assim se apresentou em demoradas conversas com um grupo de jornalistas, até a madrugada de ontem, foi o deputado Ulysses Guimarães. Na segunda-feira, depois de haver despedido os ministros palacianos, prometeu uma reunião dos ministros da área social, viajado com eles para o Rio e para Petrópolis, visitando as regiões atingidas pelas enchentes, e retornando ao Palácio do Planalto para demorada discussão com 40 membros da Assembleia Nacional Constituinte, o presidente da República em exercício ainda encontrou resistência para quatro horas de conversa com a imprensa.

Lápido, irônico e atento a todos os focos de conversa, ainda que sem dar entrevista formal, ele abordou os assuntos do momento. É candidatisimo, ainda que apenas tenha tomado diante das indagações específicas. Parece já estar em campanha para as eleições presidenciais que, como prevê a Constituição, deverão realizar-se este ano, "apesar de as tendências pelos quatro ou cinco anos para Sarney mudarem feito gangorra".

Ulysses disse que o País precisa parar de ter medo de eleições. Para ele, eleição é solução, jamais problema. Assim, reconheceu estar a Constituinte, hoje, mais inclinada a dar quatro anos para Sarney, respondendo que o PMDB tem tudo para eleger o vencedor.

O importante é dispor de um candidato em condições de unir o partido e politizar o eleitorado. Não acredita em previsões sinistras, sobre o País entrar em convulsão se tivermos eleições presidenciais este ano. Da tempo de sobra para realiza-las, após a promulgação da nova Constituição.

O presidente do Superior Tribunal Eleitoral, ministro Oscar Corrêa, já disse isso. Em 1965 foi muito pior, em termos de previsões, e tudo deu certo, a ditadura Vargas caiu e 24 de outubro as eleições presidenciais e para o Congresso realizaram-se a 2 de dezembro.

O presidente da Assembleia Nacional Constituinte deu a receita para ser um bom presidente: dispense em quatro ou cinco meses fundamentais e essenciais. Não de ficar tentando resolver, no detalhe, todos os problemas nacionais. Foi assim que Juscelino Kubitschek agiu e a fórmula valeu e a melhor. O que vier, junto com a concretização dessas poucas metas, será bom. Nos tempos de JK, o importante era reorganizar o desenvolvimento, criar riquezas e empregos, o que foi feito.

**Eleição: a saúde.**  
Para Ulysses Guimarães, o País tem tudo para superar a atual crise. Um presidente eleito por mais de 40 milhões de votos terá a legitimidade necessária para mobilizar a sociedade. Não imagine que Orestes Quérios dispute a indicação presidencial, porque não há chances de vitória. A melhor relação com o governador colômbiano, a quem citou no plano federal, é com quem deverá visitar-se na quarta-feira de dezembrão, Palácio dos Bandeirantes. Júlio Areniz, chefe de um político de grande participação e autoridade. Assim, sabe que não será candidato. O importante é para quem disputa a Presidência é ter o seu Estado inteiro em torno dele, ou quase. Base é o maior problema de Aureliano, pois não tem o apoio do governador Newton Cardoso.

Em São Paulo, mesmo com o Lula no páreo o PMDB saiu unido. Leonel Brizola já é candidato e dará trabalho. Talvez chegue ao segundo lugar, quando poderá receber o apoio de Luís Inácio da Silva, também candidato, no turno final.

Aché singular o fenômeno de as criaturas, na maioria dos Estados. Alvaro Dias e José Richa estão em crise. Mas Mauro e Gerson Camata também, no Espírito Santo, para não falar de Orestes Quéricia e Franco Montoro. Em São Paulo também Amazoni Mendes e Gilberto Mestrinho, no Amazonas, não estão bem. Há outros.

Comentou o dr. Ulysses achar natural a candidatura de líderes de grande expressão as prefeituras das capitais. Franco Montoro, em São Paulo, Leonel Brizola, no Rio, e Hélio Garcia, em Minas, ocupam espaços importantes, porque o que interessa, nessas eleições de prefeito de capital, é dispor de nomes nacionais, de grande prestígio. Por isso, vê com satisfação as articulações para o lançamento de Raphael de Almeida Magalhães para a prefeitura do Rio de Janeiro. O ex-ministro da Previdência Social deverá ocupar uma secretaria no governo Moreira Franco.

Sensível apoio para os candidatos à Presidência será o dos governadores, e o



PMDB dispõe de quase todos. Outro fator que ajudará muito o partido está nas eleições municipais, quando se mobilizarão bases e estruturas, em todos os municípios.

Volando ao tema do que deve ser o fazer um presidente da República, o presidente da Assembleia Nacional Constituinte não evitou alguns reparos ao presidente José Sarney, a quem, no entanto, muito elogiou. Disse que os presidentes devem aproveitar ao máximo o seu tempo. Não adianta ficar dando audiências às centenas, valendo mais pensar, planejar e executar metas de muito. Tomar decisões de Estado. Lembrou dos tempos em que era deputado estadual e foi chamado a conversar com Ademar de Barros. Enconrou-o no antigo Palácio dos Campos Elzeos, às sete horas da noite, todo descompósito. O governador estava de camisa aberta no peito, cucas e sem sapatos, com os pés em cima da mesa.

Arrebatado, desculpou-se, dizendo que não poderia começar a governar realmente a governar, o que fez só as noites. Durante o dia tinha de receber dezenas de pedidos de empregos, favores etc. A noite, porém, dedicava-se a tomar decisões e a conversar seriamente. Foi nesse período que saiu uma obra com o título Anchieta, a rodovia que depois tomou o nome de seu avô, Castelo Branco, e Hospital das Clínicas e outras de grande importância. Um presidente da República, para Ulysses, não precisa seguir esse modelo, muito menos ficar descompósito, mas deve utilizar o tempo, cronometricamente, para governar em alto nível.

Outra característica que um presidente deve ter, em suas palavras, é a de estar permanentemente em contato com o povo, viajando pelo País. Sentindo os problemas ao vivo, mostrando-se empenhado nas soluções. Aliás, era isso que acabava de fazer, tendo ido ao Rio e a Petrópolis. Sentiu que a população, apesar de amedrontada com o catastrófico, ficou satisfeita com sua presença. Baixou decreto liberando verba para atender as primeiras necessidades e determinou ao ministro Malizon da Nóbrega que a liberação imediatamente. Compôs um grupo de trabalho para atuar na reconstrução.

No momento em que conversava com os jornalistas o telefone tocou, no restaurante Planaltina. Era o presidente Sarney, falando da Colômbia. "Puxa, como ele me achou aqui", indagou, mandando em seguida rápida conversa com o sr. Dey, chefe do que havia feito, na ocasião das enchentes, indagou sobre as conversações com o presidente colombiano e retomou a análise das principais questões do momento.

**País sem rumos**  
Foi quando se mostrou preocupado. Enfatizou que será um desastre se não chegarmos logo à promulgação da nova Constituição. Reconheceu estar o povo desencantado e desesperado com as elites políti-

cas, mas isso tem uma explicação. A Assembleia Nacional Constituinte superpôs-se às demais instituições nacionais precisamente por conta de sua tarefa de traçar novos rumos, de dotar o País de princípios fundamentais capazes de balisar o futuro e permitir ao presidente da República uma ação efetiva para a superação dos atuais pontos de estrangulamento.

"Qual presidente? O futuro?" — indagou também, e ele respondeu: "É claro".

Para Ulysses, o País não terá rumos se não dispuser de uma nova Constituição e, por isso, a Assembleia Nacional Constituinte paralisou as demais instituições. Do Executivo ao Judiciário e ao Legislativo, dos partidos aos diversos grupos sociais, do empresariado aos sindicatos, todos estão em posição de expectativa, aguardando o resultado. Da desesperança e do desencanto. Tudo se volta para os trabalhos constituintes. Lembrou uma tese, ou melhor, um raciocínio, de Afonso Arinos, com quem tem conversado muito: ser encontrar o estudo progressista e adaptado às novas necessidades e condições, através da nova Carta, ou esperar o pior. O povo, conforme o senador fluminense, não suportará outra frustração e virá para as ruas.

**Apressar a Constituinte**  
Em junção disso, continuou Ulysses, todos os esforços precisam ser desenvolvidos para a rápida promulgação da nova Constituição. Temos tudo para prever o 21 de abril, como data. Seu trabalho tem sido de enxugar os debates, e mais o fará. Cada tema em discussão não precisa dispor de mais de cinco horas, no encaminhamento: um pro e outro contra. Muitos pedidos de destaque podem ser reunidos, incorporados através da co-autoria. Os encaminhamentos não precisam demorar mais do que 15 ou 20 minutos, cada um, e as votações, pelo painel eletrônico, não ultrapassarão 15 minutos. Insiste em que marcará sessões para os sábados e domingos e não entende por que muitos parlamentares têm horror a Brasília. Ele não vai a São Paulo há cinco meses, e aproveitará o carnaval para ver os netos. Espera que os trabalhos se verifiquem até depois de amanhã e que na próxima quinta-feira estejam todos os constituintes na capital federal. Mas se surpreende com os atos quórum registrados até agora. As vezes, só ter a lista de presença acusar mais de 500 constituintes, pergunta-se: "Meu Deus, para que tanto assim?" Esta semana, imagina estar votando o Capítulo I, dos "direitos individuais e coletivos", do Título II. Estava satisfeito pelo acordo celebrado horas antes, com 40 líderes de todas as tendências, a respeito do direito de propriedade. O Capítulo II, dos direitos sociais, começará a ser examinado a quinta-feira após o carnaval. Não existem pontos que o constituinte esteja gostando de votar para presidente em 1988, contra apenas 8% que não faziam questão e 1% que disseram não saber.

Embora o objetivo da pesquisa tenha sido submeter os políticos ao julgamento das donas de casa, o Research aproveitou para testar o conhecimento delas a respeito do atual momento. E descobriu que 92% delas gostariam de votar para presidente em 1988, contra apenas 8% que não faziam questão e 1% que disseram não saber.

A disputa entre parlamentarismo e presidencialismo enfrentada na Constituinte passa ao largo pelas donas de casa. Entre as 496 entrevistadas, apenas 27% souberam estabelecer uma diferença entre os dois sistemas de governo — que dividiram as opiniões exatamente pela metade: 50% parlamentarismo, 50% presidencialismo.

Quanto à cara da nova Constituição, as donas de casa acreditam que será representativa de apenas alguns grupos: empresários (84%) e multinacionais (79%). Apenas 39% acreditam que a futura Carta será importante para o interesse dos trabalhadores, e pouco menos de metade (46%) acha que as mulheres terão seus interesses representados.

A pesquisa foi feita em dezembro de 1987, e mostrou que as donas de casa esperavam um 988 melhor que o ano anterior. Cerca de dois terços das entrevistadas acreditam mesmo que será melhor. Apenas 38% dizem ter tido uma vida melhor em 1987 em relação a 1986, 92% consideram tudo igual, e quatro em cada dez consideraram pior.

parem insuscetíveis de entendimento, mas democracia é isso: vence quem dispuer de mais votos.

Algumas queixas, ou reparos, foram alinhados por Ulysses, no tocante ao projeto em debate. Ele descobriu, por exemplo, grave falha na questão do processo legislativo. Está deixando muita coisa para a lei e feita uma diferenciação entre a lei complementar e a lei ordinária. Aquela tem supremacia e deveria estar resguardada dos vetos presidenciais, pois está ligada ao poder constituinte. Tanto que a atual Constituição estabeleceu o quórum de maioria absoluta para a sua aprovação. As leis ordinárias não necessitam sendo da maioria simples. Assim, se o presidente da República vetar uma lei complementar, o princípio constitucional ficará prejudicado. Um exemplo pode ser o da estabilidade no emprego, se as decisões forem deixadas para a lei. Ele não se apercebeu a tempo mais, talvez, quando do segundo turno de votações, possa haver uma solução. Vai conversar com o relator, Bernardo Cabral, dentro da tese de que o Executivo não pode interferir na lei complementar.

Sobre o adiamento de leis complementares e ordinárias que o Congresso precisará discutir e aprovar após a promulgação da nova Carta, se isso acontecer em meio à campanha presidencial, disse ter uma solução: as lideranças se reuniram e selecionaram as mais necessárias. Aquelas imprescindíveis cinco ou seis, votando-as por inteiro. O restante ficaria para depois, por que não durante uma convocação extraordinária do Congresso, em dezembro, janeiro ou fevereiro, após a realização das eleições?

Ulysses Guimarães explicou a importância de manter-se à margem das paixões, na direção dos trabalhos. Assinou apenas uma única emenda, a que acaba com a imprescritibilidade de certos crimes. Não vê como se possa limitar um poder soberano como o da Legislativo. Certos crimes, hoje, podem parecer imprescritíveis, mas a constituinte política, não raro, exige outras soluções. Como o caso da sinistra: de que mostra de tão ampla, geral e irrestrita, como deve ser, os crimes como os de tortura ou o de terrorismo não considerados imprescritíveis até a eternidade? Nesse aspecto, fica com Teixeira de Freitas, para quem a hipótese é impossível.

No entender do parlamentarista, o parlamentarismo será derrotado. Não passará. A Nação não quer esse sistema de governo, e o que os constituintes têm recebido de suas casas. Tanto assim que constatou ser cada vez menor o número de deputados e senadores que lhe trazem a questão. O tema pode começar a ser decidido nos próximos dias, quando for examinado o artigo 14 do projeto sobre a nacionalidade, que exige que o primeiro-ministro seja brasileiro nato. Mas poderá ficar para o capítulo específico do sistema de governo, provavelmente em setembro.

movendo-se, então, a correção de artigos porventura correlatos e já votados.

**Confronto, não.**  
Acima de tudo, Ulysses bateu na tecla do entendimento, quando abordou os trabalhos constituintes. Se o PMDB quisesse, teria feito o seu projeto, já que dispõe de maioria parlamentar, mas a Constituição, aprovada não seria da Nação, mas do PMDB. Por isso, os partidos, e suas lideranças, estão sendo suplantados por uma realidade maior, a Assembleia Nacional Constituinte. O chamado Centro ficou ciente disso logo na primeira votação: quis impor soluções e precisou recuar. Mário Covas também enfiou a viola no esc. Só por acordo se chegará a bom termo, ainda que determinados princípios se vá ao confronto de votos.

**Roberto, o problema.**  
Indagado sobre quem mais lhe cria problemas, recusou-se a personalizar, mas traçou um perfil muito próximo do deputado Roberto Cardoso Alves. Queixou-se de certos radicalismos da direita, como a preocupação de um parlamentarista, respeito de bens do tipo jóias, quadros e livros, que não estavam particularizados no artigo referentes a propriedade. A esse parlamentarista respondeu fazer pouco para ele pedir garantias constitucionais para sua detenção. Um senador chamou-o de "Imparador" e ele quis saber se a referência era para D. Pedro I ou D. Pedro II. Porque, cost D. Pedro I, principalmente, não aceita a comparação: fechou a Assembleia Nacional Constituinte...

Ulysses Guimarães não evitou responder sobre ligações possísta, a respeito, por exemplo, da possibilidade da eleição dos "buracos-negros", e disse que, contra eles, mobilizará o "Vale dos caídos". E explicou que a imagem refere-se a aquele grupo permanentemente a postos, em todos os congressos, parlamentos e assembleias. São os deputados e senadores que se postam no meio para o final dos plenários, cumprindo todas as determinações, e quando diante de impasses prolongados, começam logo a exigir em voz alta: "Vamos votar, vamos votar". O "Vale dos caídos" cuidará dos "buracos-negros".

Uma vez votado o projeto, considerou filólogos para providenciar a última revisão do português. Celso Cunha e Antônio Houaiss, por exemplo.

Na desceira conversas com os jornalistas, Ulysses Guimarães falou de futuro de política externa. Elogiou o presidente José Sarney pelos entendimentos com os diversos presidentes da América Latina, em especial pela continuidade com que esses contatos se vêm realizando. Não tem dúvidas de que a articulação visa uma espécie de defesa dos interesses da América Latina diante dos Estados Unidos.

Porque até agora não temos sido os "Estados desunidos da América Latina". Na Europa, depois de muita luta, surgiu o Mercado Comum, força capaz de controlar os interesses americanos. Quem sabe estamos próximos de solução parecida? Acentuou que precisa ajudar de todas as formas o presidente Raúl Alfonsín, as relações com problemas militares. Examinou a hipótese de reunir um grupo de líderes políticos e de ir a Buenos Aires visitar o chefe da nação argentina, hipotecando-lhe a solidariedade. Não vê como uma situação semelhante possa acontecer no Brasil, onde os militares se vêm comportando exemplarmente.

O PMDB não será fechado, em suas palavras. Tem conversado muito com os líderes do grupo que inaugurou a dissidência e considera a hipótese mistada. Só depois de promulgada a nova Constituição, o partido examinará as alternativas, não se excludo de uma tomada de posição independente, com vistas à sucessão presidencial. Presidente o partido, antes MDB desde 1971, e já enfrentou pelo menos 40 tentativas de dissidência.

Tenredo Neves, se estiver vivo, casaria às vezes com os mesmos problemas que Sarney. Sempre se deram bem, mas, de vez em quando se confrontavam. Principalmente quando, no auge da resistência contra o autoritarismo, o partido tomava posições frontais e veementes diante das autoridades elites constituídas. Tancredo estalava.

Já de madrugada, despedindo-se dos repórteres a quem havia convidado para jantar, Ulysses Guimarães desculpou-se: "Preciso ir agora à casa do Renato Archer, onde está à minha espera o Raphael de Almeida Magalhães" e outros companheiros.

## A opinião de um eleitor muito especial: a dona de casa.

Se concordasse em sentar no banco dos réus para submeter sua conduta política ao julgamento das mulheres, o prefeito Jânio Quadros seria condenado por unanimidade — e sem apelação. Ele é demagogo, corrupto, cara-de-pau, mau-caráter e mentiroso, além de antiquado e agressivo, segundo opinião da maioria das 496 donas de casa da região metropolitana de São Paulo entrevistadas pelo Instituto Research Internacional Brasil. O ex-deputado Paulo Maluf não conseguiu melhor desempenho, se enfrentasse esse mesmo tribunal. Tal como Jânio, parece como mentiroso, cara-de-pau e corrupto, mas algumas donas de casa arriscam a dizer que, em compensação, ele é inteligente, informado e culto.

"De olho na dona de casa", o projeto desenvolvido pela Research, teve como objetivo descobrir o que elas pensam dos políticos brasileiros. E submeteu treze ideias à apreciação, relacionando 25 características para que as donas de casa dessem suas notas. O senador Mário Covas e o governador Orestes Quéricia conquistaram os melhores adjetivos, ao lado do empresário Antônio Ermirio de Moraes e do senador Fernando Henrique Cardoso.

Para elas, Covas aparece como charmoso, honesto, simpático, capaz e bom de voto — pela ordem. Ordem que sofre pequena alteração quando se trata de Quéricia: moderno, charmoso, bonito, inteligente, preocupado com o povo. Antônio Ermirio perde em elegância e beleza, mas compensa pontos nos itens honestidade, inteligência, preocupação com o povo e capacidade. Fernando Henrique conquistou mais preferências

preocupado com o povo — um item que Montoro conquistou 2%. Marco Maciel foi o nome mais identificado com o perfil de político elitista.

Embora o objetivo da pesquisa tenha sido submeter os políticos ao julgamento das donas de casa, o Research aproveitou para testar o conhecimento delas a respeito do atual momento. E descobriu que 92% delas gostariam de votar para presidente em 1988, contra apenas 8% que não faziam questão e 1% que disseram não saber.

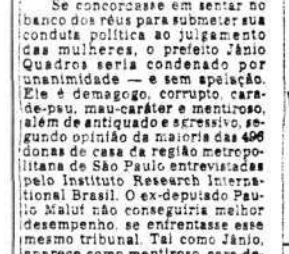
A disputa entre parlamentarismo e presidencialismo enfrentada na Constituinte passa ao largo pelas donas de casa. Entre as 496 entrevistadas, apenas 27% souberam estabelecer uma diferença entre os dois sistemas de governo — que dividiram as opiniões exatamente pela metade: 50% parlamentarismo, 50% presidencialismo.

quando submetido a características como charme, beleza e elegância, mas não apareceu expressivamente no item bom de voto.

O deputado Luís Inácio Lula da Silva é liberal e preocupado com o povo, mas é muito agressivo — característica que consagra Jânio Quadros, segundo a pesquisa. O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, tem uma presença quase apagada na mente das donas de casa: as poucas que conseguiram associá-lo a alguma característica o classificaram como conservador e antiquado.

O ex-governador Leonel Brizola não teve melhor sorte entre as donas de casa de São Paulo, o máximo que conseguiu foi alguns pontos como mau-caráter, agressivo e demagogo. O ministro Aureliano Chaves, os senadores Marco Maciel e José Richa, além do ex-governador Franco Montoro passaram praticamente sem referências pelas donas de casa. Maciel apareceu vagamente como culto e Franco Montoro, como mentiroso.

Richa não é considerado inteligente por nenhuma dona de casa, e menos de 1% o consideram



Jânio agressivo e corrupto. Covas charmoso e honesto.

Os políticos são aprovados ou rejeitados com muita firmeza